



É de quebrar a cabeça

Não deu outra: 2015 marcou pela queda na vendas, investimentos e margens dos transformadores. O setor aguenta a reprise em 2016?

Do começo ao final de uma agenda diária sem hora fixa para terminar, José Ricardo Roriz Coelho absorve e irradia informações. Ele atrai dados feito pára-raio no comando da **Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast)**, nas empresas que gere e de cujos conselhos administrativos participa, além de ser alimentado pela fornalha de indicadores do Departamento de Competitividade e Tecnologia da **Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp)**, entidade da qual é vice-presidente. Estribado nessa bagagem, Roriz demonstra na entrevista abaixo uma conjuntura que faz a cadeia do plástico quebrar a cabeça e ficar hipertensa. As razões do vermelho no balanço de 2015 são óbvias e a estrada até o final de 2016, ele expõe, se afigura por demais esburacada e pedregosa para transformadores que, na panorâmica, acabaram o ano passado de língua de fora e menos capitalizados. Fica no ar a indagação de



Roriz: transformação fechou 23.000 postos de trabalho.

mais quantos anos o metabolismo do setor a indústria resiste sem sua anemia atual descambar para o colapso se o Brasil não sair do acostamento.

PR – Pela sua estimativa, a produção de transformados plásticos recuou em 2015 ao patamar de qual ano anterior e, nessa esteira, com qual índice médio de ociosidade o setor rodou?

Roriz – A produção recuou 8,5% em 2015, sendo que o volume produzido de 6,1 milhões de toneladas fica um pouco abaixo do registrado em 2008 (6,3 milhões de toneladas). No ano passado, a ociosidade média do setor, conforme dados da CNI, ficou em 37%, um crescimento de 5,5 p.p ou de 17% frente ao índice de 2014.

PR – No plano geral, os transformadores nacionais tiraram proveito do óbvio recuo das importações de artefatos em 2015?

Roriz – No ano passado, as importações de transformados plásticos recuaram 13,8% em peso, porém a participação de importados na demanda nacional permanece praticamente constante em 2015 (o coeficiente de importação passou de 10,6 para 10,4) quando vemos somente a quantidade em toneladas de plásticos importados. Tal fato nos mostra que esse recuo de importações é atribuído à redução da

demanda brasileira por produtos plásticos e não pela substituição de produtos importados por nacionais.

PR – Quais os sinais concretos mais dramáticos dos efeitos da recessão sobre a transformação de plástico em 2015?

Roriz – O sinal mais dramático é o desemprego. Em 2015, o setor fechou mais de 23.000 postos de trabalho. Além do efeito negativo social do desemprego, para o empresário o quadro traduz ociosidade em seu parque industrial. Além do custo da demissão (multas, verbas rescisórias etc), quando ele decide demitir, abdica de mão de obra treinada e qualificada (muitas vezes treinada dentro da empresa). Aliás, entre os setores mais empregadores, o de transformados plásticos é o que apresenta o maior número de funcionários qualificados e com maiores salários. O fechamento de postos de trabalho implica, portanto, em perda de produtividade e em ter de arcar com um alto custo de recontração quando da retomada.

Outro sinal dramático é a forte retração do investimento. Na indústria de transformados plásticos, ele retraiu 32% em 2015, retração que deve continuar este ano.

Agora, um fator contundente da crise é a maior compressão de margens das transformadoras, fator que mina a intenção de investimento e ocasiona a perda de competitividade do setor. Calculamos na Abiplast um indicador que compara a evolução dos preços dos produtos industriais (dado pelo IBGE) e os principais custos de nossa indústria (matéria-prima, energia e mão de obra). Tal indicador nos permite acompanhar a sistemática supressão de margem das empresas. Apenas em 2015 houve queda de mais de 10% nesse coeficiente, o que representa contração de margem e perda de capacidade de



Máquinas paradas: IBGE calcula queda de 8,3% na produção industrial brasileira em 2015.

realização de investimento e de geração de empregos.

PR – A desindustrialização está em andamento na transformação?

Roriz – O desmonte da indústria de transformados plásticos não foi iniciado em 2015. Na verdade, a indústria brasileira de forma geral vem estagnada desde 2010 e perde, sistematicamente, participação no PIB. Esse comportamento, também afetou o setor de transformados plásticos.

PR – Anos atrás, muitos transformadores se endividaram para financiar investimentos. Em 2015, essa dívida encareceu bastante e os resultados operacionais desabaram e assim pioraram muito o acesso dessas indústrias (em especial, as de médio porte) ao mercado financeiro para emitir nova dívida. Qual deve ser o efeito dessa situação sobre o desempenho da transformação de plástico em 2016?

Roriz – Em parceria com a Fiesp, realizamos no primeiro semestre de 2015 uma pesquisa de intenção de investimento. Nela observamos que, além da queda de 32%, a maior parcela dos

investimentos realizados pela indústria utilizou capital próprio (aliás um comportamento padrão da indústria brasileira). Esses aportes de recursos tiveram como objetivo melhoria em gestão, com foco em aumento de eficiência e na redução de custos, o que chamamos de investimento defensivo. Para 2016 vislumbramos um cenário de maior dificuldade de acesso a recursos de terceiros (por maior endividamento ou contração de caixa por conta da recessão). Também esperamos que o enfoque em melhoria de gestão e eficiência se mantenha em 2016, porém com uma retração ainda maior em termos de volume de investimentos, em decorrência das margens mais apertadas.

PR – Demanda em recessão infundável, crédito com freio puxado, custos de produção ascendentes e falta de fôlego financeiro formam o cenário para catalisar a consolidação de empresas na transformação. Pela sua estimativa, o efetivo de transformadores virou 2015 em número igual, menor ou maior que em 2014?

Roriz – De 2013 para 2014 houve fechamento de 41 empresas no setor



Supermercados: esvaziamento do carrinho penaliza embalagens.

de transformados plásticos. Para 2015, estima-se o fechamento adicional de aproximadamente 100 empresas.

PR – Por quais motivos mostraram-se tímidas em 2015 reações tipo joint ventures em segmentos super concorridos da transformação, como artefatos de baixo valor agregado e baixa rentabilidade?

Roriz – Empreendimentos como joint-ventures entre empresas de transformados plásticos teriam como grande objetivo obter ganhos de escala, racionalização operacional e comercial e ganhos de sinergia. Entretanto, um mercado estagnado desde 2010 e em trajetória recessiva tem pouca atratividade para formação desse tipo de negócio no curto prazo.

PR – A Abiplast dispõe de dados sobre o número de transformadores de plástico que tiveram recuperação judicial deferida em 2015?

Roriz – Segundo a SERASA, em 2015 houve um aumento de 55% nos pedidos de recuperação judicial na economia brasileira e um aumento de 12% nas falências decretadas. Podemos considerar que o mesmo ocorreu no setor de transformados plásticos.

PR – Acredita que em 2016 aumen-

tem as compras de indústrias transformadoras locais de plástico por empresas do exterior?

Roriz – Mesmo com ativos mais baratos em dólar, um fator importante para decisão de investimento é a capacidade de rentabilidade futura. O cenário econômico atual contamina a projeção de cenários de longo prazo e retrai a intenção de investimento. Juros altos, energia cara, custos indiretos elevados da mão de obra, e acesso a matérias-primas protegidas da concorrência e com preços superiores aos dos concorrentes internacionais afastam os potenciais investidores. Para avaliar a intenção de compra de empresas nacionais por empresas estrangeiras deve-se considerar o fato de que o alto custo do capital atual exige uma taxa interna de retorno ainda maior para esses projetos de investimento, dificultando de tal forma estas aquisições. Sem perspectivas de aumento de rentabilidade e remuneração do investimento, há baixo investimento nesse tipo de projeto.

PR – Sob a recessão e câmbio atuais, analistas conclamam a transformação brasileira a acordar para as vendas ao exterior. Mas ela está descapitalizada, sem custos competitivos e o

país/Mercosul tem pouquíssimos acordos internacionais e está fora das cadeias globais de valor. Esse discurso então é uma bola fora?

Roriz – As exportações podem ser consideradas uma saída. Um estudo de 2012, feito pela consultoria **McKinsey**, aponta que, tradicionalmente, setores como o de transformados plásticos exportam de 5% a 20% de sua produção. Nossas exportações encontram-se no limite inferior dessa medida e poderiam ser melhoradas. Porém para ser uma alternativa atingível, dependemos de uma indústria competitiva em nível internacional e, para tanto, precisamos muito mais do que discurso e câmbio mais favorável. Será preciso enfrentar problemas estruturais que impactam nossa competitividade no mercado internacional, a exemplo da cobrança de tarifas antidumping sobre importações em regime de drawback; a instituição correta de um Reintegra para retirar cumulatividade de imposto sobre produtos exportados e, por fim, o país precisa imprimir mais agressividade na confecção de acordos internacionais e na abertura de novos mercados. Além disso, temos uma lógica de proteção tarifária equivocada, com setores produtores de matérias-primas contando com proteção efetiva muito maior do que produtos de maior valor adicionado e instrumentos de defesa comercial aplicados em grande parte sobre fornecedores de matérias-primas na condição de monopólios e oligopólios.

Com esses problemas, é difícil para o Brasil se inserir com sucesso em alguma cadeia global de valor. Mesmo que venha a participar, sua atuação será muito focada em produtos de baixo valor agregado, o que não resultará em salto competitivo para o país.